

EM TORNO DA RECIFENSIZAÇÃO DE JOSÉ LINS DO REGO

Gilberto Freyre

Que a Paraíba me perdoe o que vou dizer: José Lins do Rego pertence tanto ao Recife, pela sua formação urbana e urbanizante, como à Paraíba rural e ruralizante: a Paraíba de sua imediata origem de família, das suas raízes mais telúricas de começos Cavalcantimente e canavieiramente pernambucanos, avigorados pela paraibanização magnífica. Sem o Recife, porém, ele não teria se realizado nem como escritor nem como personalidade: personalidade daquele tipo misto, paradoxal, de boêmio e de criador de que fala o sociólogo Thomas. Só paraibano do interior, ele dificilmente teria se transprovincianizado, do modo por que se transprovincianizou, antes de chegar ao Rio, já capaz de falar a cariocas, como igual para igual: extrovertido, dionisíaco, literariamente inovador e em situação de sustentar conversas com cariocas sofisticados, da porta da Garnier, sobre Joyce e Hardy, Peguy e Maritain.

Porque o Recife sendo, no essencial de suas formas de vivência, quase tão cidade como o Rio, dá ao recifensizado, seja qual for sua origem menos urbana, voz, gestos, visões, risos, predisposições de quem, à condição de provinciano, acrescenta a de recifense. Pois o recifense, sendo um provinciano, é também um urbanita. E como urbanita de beira-mar, um brasileiro que vem recebendo, através do mar que o separa da Europa, dos Estados Unidos, de outras partes do mundo, europeísmos ou cosmopolitismos diretos alguns dos quais transmitidos outrora ao Recife e ao recifense e através do recifense, ao brasileiro, antes de

serem transmitidos ao Rio e ao carioca. Isto sem deixar esse Recife, intensamente receptivo de atualidades vindas de fora, de ser brasileiro. Daí ter dado ao Brasil, através de um contemporâneo de José Lins do Rego, Vicente do Rego Monteiro, o maior pintor Modernista brasileiro, sem que aqui vicejasse um Modernismo demasiadamente imitador de modernices européias, como o do Rio-São Paulo. Exatamente como, no século XIX, tendo sido a sede de uma revolucionariamente germanizante Escola do Recife — germanizante do Direito e da Filosofia — dessa mesma Escola é que viu-se irradiar pelo Brasil intelectual, com tanto vigor de voz como a de Tobias, a palavra veementemente brasileira, cabocla, até, do sergipano, tanto quanto Tobias, germanizado, Sylvio Romero, dando novo ânimo a estudos teluricamente folclóricos e perspectiva mais nacional a estudos literários e sociais no Brasil. José Lins, empenhado, desde adolescente, no Recife, em assimilar europeísmos literários, seria, como escritor literário de formação recifense, mais brasileiro, mais regional, mais telúrico, mais paraibano, no seu tipo social de romance e na sua linguagem, que o seu admirável predecessor carioca, nesse mesmo tipo de romance, Afonso Henriques Lima Barreto.

Impactos de europeísmos, José Lins do Rego recebeu-os, diretamente, na verdade, no Recife, nos seus dias de adolescente. Recebeu-o, por vezes, indo literalmente ao Cais Rio Branco, à Lingueta, à beira-mar, e vendo chegar do Sul e do Norte da Europa transatlânticos portadores de jornais, perfumes e vinhos de Paris, uísques da Escócia, músicas da Itália, de cervejas da Alemanha, cocotes francesas ou da Polônia. Gentes louríssimas. Perfumes finíssimos. E livros em francês e em espanhol. Cachimbo ingleses. Gravatas italianas. Idéias. Filosofias. Cosméticos. Tinturas para o cabelo. Conhaques e até absinto. Camisas. Meias de fio escocês. Lenços de linho irlandês. Casimiras inglesas. Chapéus ingleses. Bengalas. Guarda-chuvas. Camisas-de-vênus francesas e inglesas. Remédios de nomes bonitos. Vinhos. Champagne. Galochas. Óculos. Mais: pastas de escovar os dentes. Água de colônia. Imagens italianas de santos. Jóias. Pratas. Quadros. Estatuetas. Tapetes. Maçãs. Peras. Uvas. Mármore italianos para túmulos. Relógios suíços. Canetas. Tintas. Telas. Ferro. Aço. Vidro. Cristal. Azulejo. *Paté. Marron glacé.* Leite suíço. Chocolate de várias origens. Vestidos. Brinquedos para crianças. Bolas de futebol. Raquetes de *tênis*. Cartões postais: dos líricos aos eróticos. Cigarros turcos. E tendo, o Recife, como teatro metropolitano do Nordeste e não só de Pernambuco, um Santa Isabel onde dançou Pavlowa, declamou Castro Alves, discursou Joaquim Nabuco. Uma Faculdade de Direito, um Ginásio, uma Escola Normal, um Bispado, mais do Nordeste todo que só de Pernambuco. Uma Faculdade de Direito, como a de São Paulo, quase do Brasil inteiro.

Este o conjunto de valores, de característicos, de condicionamentos recifenses e recifensizadores que envolveram em José Lins do Rego não só um ex, como um sempre, menino de engenho: o da evocação magnífica do também

paraibano recifensizado Odilon Ribeiro Coutinho. Menino de engenho, é certo que, ao chegar ao Recife, não chegou aqui de todo ingênuo nem de todo inocente de coisas de sexo. Mas de quem o Recife faria um seu vibrante cidadão. E que, paradoxalmente, faria dele, quando de panfletário passou a tornar-se outro tipo de intelectual e, como tal, um valorizador daquelas suas raízes próprias e telúricas, de que se tornara quase inconsciente.

O que já ocorrera com outro ex-menino de engenho paraibano: certo Augusto dos Anjos que, poeta, ao retratar em versos pungentes sua sombra magra a caminho da Casa Agra, fixara não uma sua quase morte de homem do interior ao tornar-se recifense, darwinizado, cientificizado, intelectualizado, mas um seu nascer de novo, como poeta, ao recifensizar-se. A Casa do Agra: uma casa funerária das mais bem equipadas, na sua especialidade, de todo o Brasil. Uma tradição recifense. Uma instituição recifense. Seu nome, uma sugestão de *rendez-vous* com a morte. Mas não só casa funerária: casa que punha à disposição do recifense médio e rico, além de ataúdes e carros fúnebres de vários feitios, requintes, qualidades, carros forrados de macios veludos e conduzidos, como os fúnebres, por imponentes boleiros de cartola, para uso dos vivos em batizados, casamentos, comemorações de datas festivas, cursos de carnaval.

O que me faz lembrar o dia em que Jose Lins do Rego — de novo José, ao deixar de ser panfletário, e não apenas Lins do Rego, seu nome de aprendiz de demagogo — e eu decidimos, cada um com fraque e chapéu coco emprestados, comparecer, por malícia antiacadêmica, mais dele do que minha, descendo na Rua do Hospício, em luxuoso carro da Casa Agra de capota arreada, a certa solenidade literária no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Escolhemos o carro: uma linda vitória. Fomos, para escolhê-la, ao misterioso depósito, na Rua do Sossego, de velhos carros dos Agra: nossas sombras magras as de dois adolescentes a debicarem não só da morte como a troçarem da chamada imortalidade dos acadêmicos. Um dos Agras, todos bons amigos de Alfredo Freyre, meu Pai, mostrou-nos todo um conjunto de antigos carros de luxo, alguns ilustres, por terem servido a figuras célebres. Um *landau*, a Osório, na sua visita de herói da Guerra do Paraguai, ao Recife; outro, por ter transportado Dom Vital, já prisioneiro do Governo Imperial, ao vapor que o levaria ao Rio de Janeiro; outro: um belo *coupé*, de interior de veludo cor de rosa, que fora da Condessinha, isto é, a filha galante do Conde da Boa Vista; outro *coupé*, presente do Cardeal Arcoverde a Dom Sebastião Leme, quando designado o eloquente paulista para Arcebispo de Olinda e Recife. Carros com majestosas lanternas de prata que impressionaram, lembro-me bem, um José Lins do Rego, já em começo de ser convertido pelo Recife ao culto de tradições regionais. Era o Recife da Casa Agra a sensibilizar outro Augusto dos Anjos. Outro paraibano de origem rural. Um e outro, até chegarem ao Recife, conhecedores apenas de cabriolés,

dos que se arrastavam, quase sem molas, rangendo por estradas rústicas, de casas-grandes a estações da *Great-Western*. Ou de uma casa-grande a outra. Como a Casa do Agra, outras instituições recifenses foram fazendo de José Lins do Rego um homem de cidade: a Faculdade de Direito, por ele freqüentada muito sem gosto, o *Diário de Pernambuco*, a Pensão Siqueira, a Escola Normal, o Ginásio Pernambucano iniciando-o em urbanidades em que só numa senhora cidade, como o Recife, poderia ser iniciado.

Mas não era preciso que José Lins do Rego, sempre curioso, inquieto, sô-frego de novidades, fosse ao Cais Rio Branco — como às vezes ia — e visse aportar aqueles transatlânticos cujas chegadas da Europa o impressionavam. Mesmo sem esses arrojados de curiosidade, os europeísmos chegados diretamente da Europa ao Recife passaram a envolver o adolescente vindo do interior da Paraíba sem nenhuma especial sensibilidade nem a valores teluricamente paraibanos nem a saberes sofisticadamente urbanos ou urbanóides. O Recife, após contatos superficiais, passou a recifensizá-lo, europeizando-o. Modernizando-o. Transoceanizando-lhe as perspectivas. Desprovinciando-o no sentido de dar perspectivas refinadamente européias ao quase caboclo. Ao quase tapuío, como diria Euclides da Cunha. Mas, ao mesmo tempo — esta, paradoxalmente, uma grande ação do Recife sobre o ex-menino de engenho — fazendo que esse ex viesse a voltar a encontrar dentro dele a maior riqueza que guardava num seu por ele desprezado *eu* regional: paraibano, pernambucano, alagoano. Regionalidade comum mais do que a uma região: a toda uma civilização rural brasileira. A canavieira. A do açúcar de canas de massapês. Essa consciência só surgiu em José Lins do Rego ao tornar-se um paraibano recifensizado em profundidade: além dos primeiros e superficiais contatos.

A recifensização de José Lins do Rego acrescentou nele, à pura e boa paraibanidade, uma consciência de valores rurais de sua região, enriquecendo-o. Fazendo-o nascer de novo. Dando-lhe uma nova pele cultural sobre a carne do bom provinciano cru. Dando-lhe novas sensibilidades. Novas perspectivas. Novos olhos. Novos ouvidos. Novo paladar. Novo alcance sexual. Novos gostos. Novas aversões. Toda essa riqueza, acrescentada à paraibanidade eterna. Um despertar sob impacto de um Recife, intelectualmente tão a serviço da Paraíba quanto de Pernambuco. De modo algum, só de Pernambuco, acentue-se sempre.

Conheci-o no atordoamento da sua já iniciada e ainda tumultuada recifensização. Sem já ter adquirido, através de um Recife tão afrancesado que havia aqui, inclusive entre parentes de José Lins do Rego e, ao mesmo tempo, de um, na época, ainda criança, Murilo Guimarães, gente que, em casa, tanto falasse francês quanto português. Entre os afrancesados, os Aquino Fonseca, os Guimarães, os Peretti, os Cardoso Ayres, por exemplo. E de seus conhecimentos de língua francesa ou inglesa, José Lins do Rego passou a valer-se, para sôfregas leitu-

ras literárias, que se tornaram nele um furor, ao renunciar sua condição negativamente recifense de panfletário demagógico — demagogice que foi nele. uma má recifensidade. Leituras, as novas, que fossem além de Bilacs, de Castros Alves e de Coelho Netos, da boa língua espanhola. Isto na época em que, de Madri, o grande Ortega y Gasset transmitia à América Espanhola e ao Brasil, em excelentes traduções espanholas, aliantes novidades literárias e transliterárias européas. Delas, José Lins do Rego vinha sendo informado, em grande parte, pelo talvez seu maior amigo recifense, com a aura de recém-chegado da Europa, com estudos universitários nos Estados Unidos.

Lembro-me dos seus olhos escancarados e dos seus ouvidos curiosamente abertos a informações do amigo de sua idade que o levaram àquelas novas, sôfregas, por vezes quase históricas leituras. Revelações mais que informações, os impactos que fizeram dele esse leitor insaciável. Vi-o passar a ler Joyce — o autobiográfico *Portrait* — em espanhol. E além de Joyce, Hardy. Lawrence. E Chesterton. E George Bernard Shaw. E Proust. E Maritain. Quis que eu lhe ensinasse inglês. Obrigou-me a lhe dar lições inteiras de inglês e algumas de francês. Chegou a ler, com dificuldades, em francês, Montaigne, Pascal, Anatole, Baudelaire, Sainte Beuve, Barbley d'Aureville. Era um tapuia de Euclides a embebedar-se euclidianamente de gregos e celtas.

Olívio Montenegro — um já seu amigo, que ele levou à Casa do Carrapicho para me conhecer — dizia-me estar espantado ante o que ocorria com um José Lins do Rego até então boemiamente hostil a leituras sérias. Sua nova gula por autores europeus, clássicos e modernos, assombrava a outro caboclo paraibano, tão seu amigo. Seu empenho em superar o que reconhecia vir sendo sua quase completa ignorância de letras estrangeiras superiores, tornou-se explosivo. O ânimo literário madrugou nele, como uma explosão, fazendo-o também ler em português Machado e Eça, além de Bilacs e Coelho Netos e, a certa altura, novos escritores dos que começaram a aparecer, quando ele adolescente, no Recife, em língua portuguesa e que foram despertando sua curiosidade. Novos de Antônio Nobre português a "Modernistas" de São Paulo.

Um já ânimo literário, substituindo o apenas jornalístico e o impetuosamente panfletário quase à *la* Mário Rodrigues, de sua primeira condição recifense. O jornal e o panfleto já o levaram, aliás, a uma expressão subliterária, que lhe dera satisfações e famas imediatas. Não tardara, na verdade, a fazer-se admirar por muitos pelas suas fúrias panfletárias, ao lado do, mais que ele, jornalista de combate, Osório Borba, os dois dirigindo o semanário *Dom Casmurro*, subsidiado por uns tantos políticos locais empenhados em que os dois jovens de talento escrevessem contra outros políticos. Ainda alcancei José Lins do Rego escrevendo artigos, com ânimo combativo, num *Jornal do Recife*, já em decadência, e

panfletariamente, em *Dom Casmurro*. Panfletariamente contra o Governador interino Severino Pinheiro, contra o Governador Sérgio Loreto, contra o genro do Governador e Diretor de Saúde Pública, o brilhante Amaury de Medeiros, contra Estácio Coimbra, então ainda Vice-Presidente da República, de quem José Lins do Rego, aproximando-se por meu intermédio, se tornaria admirador e contra quem escrevera enfaticamente, quando *Dom Casmurro* a serviço de grupo partidário hostil ao mesmo Estácio. *Dom Casmurro* era financiado por esse grupo, do qual secretamente fazia parte o aliás simpático Barão de Suassuna. Contou-me José Lins vir uma vez pela Rua Nova com o Barão a seu lado. De repente, surgiu um amigo de Estácio. E o Barão, em voz baixa, ao jovem panfletário: “finja que não vem comigo”. Com o que o panfletário sentiu-se humilhado. Era como — contou-me ele — se o repúdio do Barão fosse o de um Barão de Lavos por jovem de requebros suspeitos com quem não devesse ser surpreendido.

O que especificamente queria dizer certo amigo ilustre do Governador Sérgio Loreto ao advertir-me, nesses dias, contra a minha amizade com um, para ele, “rapaz perdido”, como José Lins do Rego? Isto: que o Governador, aconselhado por Solidônio Leite, intelectual de sua maior confiança, estava decidido a nomear-me diretor, com carta branca, da tradicional e ilustre Biblioteca do Estado. Mas a minha amizade com um José Lins do Rego que agredira, como panfletário, o genro do Governador, Amaury de Medeiros, tornava impossível essa nomeação. Que eu deixasse de andar com o perdido. Diante do que passei a ser mais amigo do que vinha sendo do considerado perdido. Um perdido em quem eu encontrara, achara, descobrira, dentro do panfletário efêmero, o gérmen de um futuro grande escritor literário da língua portuguesa. Dessa língua portuguesa, desde José de Alencar, à espera de quem, mais do que Euclides da Cunha — com seu cipó criador de ênfases verbais, algumas tão brilhantemente retóricas — a abrisse com um vigor literário que fosse a sublimação, sem deixar de ser a negação, do vigor panfletário dos Josés do Patrocínio, dos Mários Rodrigues, dos Antônio Torres. Sem se desconhecer o que viria a representar, e representa decerto, para esse abrisse literário do português do Brasil, a obra, genialmente joyciana, do grande Guimarães Rosa, reconheça-se hoje, em José Lins do Rego, o ficcionista, saído de um telúrico, canavieiro e, ao mesmo tempo, recifensemente Nordeste, motivado ou orientado, que mais perduravelmente viria a contribuir, e está contribuindo, para a oralização da língua literária do Brasil em termos inovadoramente novelescos. Fazendo gente brasileira falar, em suas novelas, um português saído de desprezadas fontes extraliterárias. Motivação sobre José Lins do Rego, do Movimento Regionalista, Tradicionalista e a seu modo Modernista, do Recife.

Dizia-me Olívio Montenegro, desse José Lins do Rego, que, tendo lhe parecido incapaz de ler, até o fim, um livro, mesmo dos mais fáceis, em portu-

guês, passara a ler, se não totalmente, em grande parte, em espanhol, aqueles difíceis autores europeus novos ou clássicos, de uma forma que, para ele Olívio, era um assombro. Eu próprio fui me espantando com as leituras em espanhol de José Lins do Rego de autores que, no Brasil da época, eram novíssimos para muitos, como Hardy e Joyce, meus conhecidos no Brasil, antes de se tornarem novidades cariocas ou paulistas. Logo superou o erudito Olívio no conhecimento desses autores. O próprio Olívio me confessou: José Lins já o acusava de, em literatura inglesa, ter parado em carroções velhos, como Dickens.

Ao mesmo tempo que se foi verificando nele essa transformação no setor de leituras de livros, outras transformações foram recifensizando José Lins do Rego, no sentido da aquisição de certos europeísmos extraliterários um tanto sutis, ao tornar-se freqüente seu convívio comigo e com meu irmão Ulysses. Por exemplo: Ulysses iniciou-se no gosto por molho inglês, por *gin*, por uísque. Creio ter aprendido comigo a gostar, através de reproduções, de pintores e escultores modernos, então ainda escandalosos para não poucos brasileiros, como El Greco, Rodin, Picasso, Gauguin, Picabia, Aubrey Beardsley. Também a admirar o teatro de O'Neil. A ver em Chaplin, não um gaiato ou palhaço qualquer, mas um gênio da comédia.

Nosso convívio foi o mais fraterno. E, através desse convívio, ao mesmo tempo que ocorreu nele uma intensa impregnação de europeísmos modernos e clássicos, verificou-se um aprofundamento de sua recifensidade — o gosto por velhas igrejas, velhas ruas, velhos sobrados, comidas de rua, ceias no Dudu. E sobretudo, com olhos de recifensizado, em profundidade, sua descoberta de valores rurais, agrários, telúricos, alguns paraibaníssimos, dos quais se afastara no Recife nos seus primeiros contactos: o para ele tão das pensões de mulheres de Santo Amaro e da Rua do Imperador. O Recife de certa Amélia Quadros Vivos, precursora de requintes urbanóides em subartes sexuais que importavam em desprezo por ingenuidades rurais, matutas, caboclas.

Creio terem sido importantíssimas para ele nossas fraternas excursões por antigas terras de engenhos patriarcais — várias delas orientadas, do Recife, por Pedro Paranhos, de quem José Lins do Rego se aproximou por meu intermédio, assim como se aproximou de Júlio Bello. Num desses bons engenhos, numa Paraíba quase Pernambuco, ele fora menino sem se aperceber de que essa meninice o enriquecera de experiências valiosas que o Recife, recifensizando-lhe as perspectivas e o *Livro do Nordeste*, publicado em 1925, no artigo retrospectivo sobre "Vida Social no Nordeste", fixando de modo rápido mas sugestivo a figura do "menino de engenho", faria que ele descobrisse, surpreendido de terem sido experiências, as dessa por ele desprezada meninice rústica, tão intimamente suas. Essa percepção creio que, em parte, já irrompera nele, ao tomar conhecimento

de um meu projeto de analisar a formação de um tipo brasileiro de homem nacional através de reconstituições de diferentes tipos de meninice: urbanos, rurais, rurbanos.

Seu futuro *Menino de Engenho* seria resposta magnífica a esse empenho: no gênero, obra-prima na literatura autobiográfica e sem deixar de ser arte da mais pura, quase sociologia autobiográfica da melhor, em língua portuguesa. *Menino de Engenho*, completado por *Doidinho* e, anos depois, por *Meus Verdes Anos*: o testemunho histórico, aliás, menos expressivo que o memorial sob a forma de ficção.

O que acontecera? Primeiro, a superação, em parte, em José Lins do Rego, de um provinciano rural por um recifense, no caso, quanto mais intelectualizado, menos antiprovinciano; mais valorizador da província materna, com o *naif* rural substituído por um sofisticado urbanita, sem repúdio por sua provincianidade. E revolucionado pelo contato com escritores, artistas, artes, letras, modernidades, arrojos europeus e estadunidenses, em letras, em idéias, em artes. Mas coincidindo com essa modernização uma nova perspectiva de valores rurais que uma primeira e superficial vivência recifense fizera que ele tendesse a rejeitar, a repudiar, a desprezar, como matutices e arcaísmos. Com essa nova perspectiva, é que se verificaria em José Lins do Rego uma valorização, em termos líricamente literários e literariamente autobiográficos, de sua origem, sua infância, suas raízes telúricas. A valorização daquela sua meninice em engenho de avô e de tia quase mãe, a Tia Maria, evocada de modo impressionante por Odilon Ribeiro Coutinho como quem vivesse com os sentidos e não apenas com a imaginação empática a aventura de José Lins do Rego como menino. O menino alongado no adulto da evocação, também pungente, de Fernando Freyre, ao recordar o José Lins que ele conheceu com olhos e ouvidos de menino.

Lembro-me das minhas muitas conversas com José Lins do Rego sobre experimentos em artes, em letras, em ciências do homem, em biografia, em autobiografia, das quais tinham emergido inovações ou renovações magníficas, algumas já clássicas, nesses vários setores de criatividade e das quais outros estavam decerto para sair. Em arte, El Greco, Rodin, o brasileiro conhecido como O Aleijadinho, eram exemplos de um paradoxal esplendor revolucionário em clássicos nascidos clássicos. Como na literatura de ficção, Defoe, Proust, Joyce. Como no ensaio, Wells: o Wells que desenvolvera um misto genial de literatura sociológica e de literatura novelesca. Misto ao qual tanto Unamuno como Chesterton — nos quais creio ter iniciado José Lins do Rego — haviam acrescentado outros arrojos de criatividade através de acréscimos de imaginação a captações ou percepções de realidade.

Tais arrojos estavam faltando à literatura brasileira. O próprio Machado, decerto mais que admirável, resguardara-se de arrojos com receios de que com eles, deixasse de se tornar clássico. Também Joaquim Nabuco. Dois grandes escritores temerosos de se afastarem de modelos consagrados. Temor que também caracterizara o próprio José de Alencar sem impedi-lo de chegar, no seu modo de escrever, a antilusismos afoitamente brasileiristas. Só Euclýdes da Cunha se arriscara mais desassombradamente a escrever com um cipó como que arrancado ao próprio mato brasileiro: com um cipó, segundo o reparo atribuído a Joaquim Nabuco. Que outro arrojo criativo vinha irrompendo no Brasil — fosse em literatura ou em arte? A Semana de Arte Moderna? Subeuropéia no seu modernismo quase todo importado. Quase de costas para o Brasil. Monteiro Lobato? Mais jornalista dos bons que verdadeiramente escritor. Perigo — o do jornalismo a fazer as vezes de expressão literária — em que resvalara Lima Barreto. Mas superado pelo grande autor de *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*: este, sim, escritor, dentre os revelados a mim por José Lins do Rego que me empolgou.

Quanto à poesia brasileira — que grande, verdadeiramente grande poeta, já produzira o Brasil? Gonçalves Dias? Convencionalismo. Indianista postiço. Castro Alves? Orador impressionante: quase nada poeta autenticamente poeta. Retalhos de um grande poeta verdadeiramente brasileiro ainda por aparecer. Tese que, pouco depois de chegar da Europa, defendi em conferência sobre Gonçalves Dias, anterior à que pronunciara sobre Dom Pedro II.

E como eu traduzia para José Lins do Rego, além de versos de Whitman, alguns dos de moderníssimos poetas em língua inglesa — vários dos quais eu tivera o gosto de conhecer pessoalmente como William Butler Yeats, Vachel Lindsay, Amy Lowell — também lhe perguntei: que poeta brasileiro que se compare a estes? O que fez que José Lins do Rego, no dia seguinte — aqui exemplo de uma reciprocidade de influência: a de José Lins do Rego, sobre mim — me trouxesse um livro de Manuel Bandeira. Um Bandeira ao qual me rendi imediatamente, grato a José Lins do Rego pela revelação. Um José Lins do Rego que também me revelaria Ronald de Carvalho, Agrippino Grieco, os Andrade da Semana de Arte Moderna, Guilherme de Almeida. Novos que de algum modo me interessavam. Mas sem que os renovadores, em termos de prosa, me impressionassem como Manuel Bandeira em expressão poemática. Devo a José Lins do Rego outras iniciações em então novos ou inovadores intelectuais brasileiros: Pontes de Miranda, um deles, que logo admirei. Oliveira Viana, outro: pouco me impressionou sem me parecer desprezível. Em Monteiro Lobato já me iniciara, em ainda estudante no estrangeiro, o sábio de Stanford, John Casper Branner: brazilianista autêntico, antes de se tornarem quase praga sub-brazilianistas inautênticos nas suas abordagens.

O mesmo desencanto, da minha parte, quanto a teatro: quando José Lins do Rego me falou em Cláudio de Souza. Não encontrava eu entre jovens do Brasil, um que surgisse com experimento revelador de verdadeira criatividade. O que chegara ao meu conhecimento era submediocre. Retórica da pior levada aos pobres dos palcos. E, neste particular, como no da ficção e no do ensaio, José Lins do Rego não me pôde apresentar rivais de Manuel Bandeira ou sucessores de Euclydes da Cunha. O que fez que ele concordasse comigo em que o jovem Brasil mostrava-se pobre de inovadores de autêntico vigor. Convencional. Retórico.

A verdade, porém, é que, ao conversar nesses termos com um José Lins do Rego, um ano mais moço do que eu, falava com um, em potencial, grande renovador da literatura brasileira. Renovador que não tardaria muito a explodir. A explodir triunfalmente. Através de um dos triunfos mais fulminantes na história da criatividade brasileira.

Digo da criatividade brasileira e não apenas da ficção porque José Lins do Rego não revolucionou, no Brasil, apenas a arte literária da ficção ou da novela ou do romance, nem somente a da crônica: também a da autobiografia. *Menino de Engenho* e *Doidinho*, *Banguê* e *Fogo Morto* são obras-primas de autobiografia. E quem diz autobiografia — ou biografia — de expressão literária, diz uma das formas mais altas de literatura. Alturas que raramente vêm sendo atingidas em qualquer língua. Muitas vêm sendo as biografias. Muitas as autobiografias. Mas, dentre elas, raras as que vêm correspondendo àquele padrão de excelência, nesse gênero de literatura, fixado pelo crítico magistral J. A. Sygmons: o de dar prazer a quem lê — o prazer artisticamente, voltuosamente literário — ao mesmo tempo a revelação de uma vida, de uma personalidade, de uma figura de homem ou de mulher ou de menino ou de adolescente.

Que visava, principalmente, um escritor literário ao autobiografar-se ou a biografar uma personalidade sugestiva? Para Sygmons, não recordar o que foi essa personalidade, porém, revelá-la: "not to record but to reveal". O que a biografia precisa realizar é revelação. E revelação pode-se sugerir que distingue uma obra literária da meramente informativa ou mesmo da estruturalmente científica, quer a obra seja de história, quer biografia ou autobiografia, ou análise psicológica. Quer seja à base de memória pessoal, quer se apóie em método autobiográfico ou psicológico. Num e noutro caso, é preciso que ao autor não falte "insight" e, com "insight", quando o caso é biografia e não autobiografia, empatia. A capacidade de identificar-se o eu do autor com o eu do biografado.

José Lins do Rego, em *Menino de Engenho* e em *Doidinho* não recorda, como puro memorialista, uma meninice: vai além. Revela-a. Parece às vezes, não um autobiógrafo, mas um biógrafo de um como outro seu eu reen-

contrado ou descoberto. Os dois livros são de quem se revela a si próprio. Revela um menino, pai, de tal modo, do adulto que o apresenta, que um se confunde com o outro: o adulto revelador com o menino revelado. E essa confusão de menino com adulto envolve outra: a do autor com o assunto. Identificação em profundidade. Verifica-se, então, que o autor, a fingir-se, por vezes, um estranho em face do assunto, não consegue iludir o leitor. O leitor surpreende o autor na raiz ou na essência do assunto. A revelação envolve o revelador. Chega a atraiçoar o autor. Revelação abrangente.

Como autobiógrafo, José Lins do Rego não se apresenta sistemático. É, intuitivamente, dramático. E há coincidências de sua maneira de autobiografar-se, como menino, brasileiro rústico, com as de dois mestres de literatura de ficção autobiográfica que suponho ter conhecido por sugestão minha: o Joyce do *Portrait*, que leu em espanhol, e Proust. Qual o exemplo desses dois imensos mestres? O de o tempo afetar a personalidade, nunca absolutamente a mesma, através dos anos, num indivíduo a socializar-se sucessiva e diversamente em pessoa. O "eu sou eu e minhas circunstâncias" de Ortega y Gasset. Uma das orientações da nova técnica biográfica de Statchey em *Eminent Victorious*. Lição muito seguida por José Lins do Rego na sua ficção quase sempre tocada de autobiografia: em *Bangüê* e em *Fogo Morto* talvez suas obras máximas — de modo notável. Uma ficção, como uma autobiografia, as suas, nas quais os heróis não são apresentados como de tal, imaculados, constantes e perfeitos em suas virtudes e sim, através do tempo, sujeitos a fracassos. Não isentos de antivirtudes. Por vezes, quase vilões. E esses defeitos, humanizando-os. Em José Lins do Rego, o moralista não se sobrepõe ao artista sensível aos encantos de irregularidades em comportamentos até de heróis.

Confesso ter feito José Lins do Rego deixar de publicar, antes de surgir com *Menino de Engenho*, dois projetados livros: um já em provas tipográficas quando pediu que eu opinasse sobre ele. Livro de ensaios de crítica literária. Investia, num deles, contra um seu encantador, como pessoa, companheiro de geração, Múcio Leão, e se referia um tanto sem admiração a outro: Barbosa Lima Sobrinho. Direitos muito seus, é claro, os dessas restrições a então emergentes intelectuais brasileiros, como José Lins do Rego, de formação recifense. Mas a maneira da pretendida crítica literária pareceu-nos, de tal modo, jornalisticamente panfletária que sua publicação seria, ao meu ver, como um primeiro livro de escritor literário jovem, inoportuna para ele. Foi o que opinei. Que José Lins do Rego aguardasse outra oportunidade para surgir como escritor autêntico. Jornalista panfletário, ele, como Lins do Rego, já se afirmara em artigos para jornais e semanários. Que em livro surgisse José Lins do Rego como escritor literário, que superasse nele o panfletário. E revelasse o melhor do seu talento. A sua vocação especificamente literária. Concordou.

Como concordou em não publicar todo um livro efusivamente apologético a meu respeito. Não era, o livro, já datilografado, nem biográfico nem de crítica literária, tal o seu enlevo em torno do assunto. Era uma admiração de adolescente por outro adolescente a transbordar em entusiasmos de modo algum persuasivos. Sua publicação não recomendaria o muito jovem autor, como ensaísta, dado à crítica literária: o aspecto, sob o qual ele pretendia estreitar na literatura brasileira. Trabalho esse, de rasgada apologia afetiva. Apenas marco de transição de um jornalista vigorosamente panfletário para escritor literário. Nessa transição, é evidente, pela leitura dessa apologia, que José Lins do Rego vinha procurando desenvolver um estilo de expressão literária que o afastasse de ênfases jornalisticamente panfletárias. Para tal, um dos seus modelos — e, como tal, primoroso — que em José Lins procurou incitar para conter espontaneidades panfletárias. Corretivo artificializante. Caligrafizante — passara a ser — imagine-se quem? Frei Luís de Souza. Um modelo, o frade estilista, no caso, quase bizantino: um quase calígrafo literário.

Creio ter acertado impedindo José Lins do Rego de surgir escritor literário, com qualquer desses dois seus projetados livros: um deles já em provas tipográficas. Mais algum tempo e o paraibano recifensizado surgiria com *Menino de Engenho*. Sempre em correspondência comigo, sua fraterníssima amizade não diminuía com as distâncias que vieram a nos separar: inclusive sua residência, já casado — com a linda Naná, cujo poder como que moderador sobre José Lins do Rego foi fixado, de modo admirável, pela também linda e lúcida filha Elizabete, ao iniciar esta série de conferências comemorativas, evocando, como filha, a figura do pai extraordinaríssimo — por algum tempo, numa, para ele, doce Alagoas. Foi aí que, amigo de Jorge de Lima, Graciliano Ramos, Valdemar Cavalcanti, Aluísio Branco, Aurélio Buarque de Holanda, escreveu *Menino de Engenho* ao mesmo tempo que Jorge de Lima *O Mundo do Menino Impossível*: ambos sob evidentes sugestões recifenses. Nunca deixou de reconhecê-los José Lins do Rego. Daí ter sido um recifense o amigo a quem, com mais relevo, dedicou *Menino de Engenho* em dedicatória impressa. José Lins do Rego nunca perdoou Jorge de Lima por ter alterado, a seu favor e contra o recifense, a ordem nessa dedicatória significativa.

Fulminante, imediato, súbito, o triunfo alcançado por José Lins do Rego. Triunfo que se acentuaria ao tornar-se editado do grande José Olympio, a quem, sempre fraterno, me levaria pela mão, para que fosse também meu editor.

Já José Américo de Almeida fora aclamado pelo prestigioso Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), "romancista ao Norte". Mas com José Lins do Rego é que surgiu, no Brasil, um mais inovador, mais extraliterário, sem deixar de ser especificamente literário, grande escritor brasileiro com alguma coisa de

universal, saído do Nordeste. Paraibano paraibaníssimo de formação recifense: recifensíssima.

O arguto Blaise Cendrars, o europeu que, sob perspectiva literária, melhor observou o Brasil da época em que surgiu José Lins do Rego, diria — mencionando o autor de *Menino de Engenho* — da nova literatura brasileira “... le Brésil est entraîné dans le grand circuit de la littérature mondiale. . .”. E situava José Lins do Rego, como ficcionista, dentre os novos, do Brasil de então, ao nível dos Hemingway, dos John dos Passos, dos Steinbeck.

Ao mesmo tempo, Blaise Cendrars destacava no Nordeste do Brasil uma fonte de criatividade intelectual, literária, artística, que lhe parecia a mais autenticamente brasileira dentre as renovadoras de letras, artes, saberes. Isto embora tivesse vindo ao Brasil pela mão do Modernismo de São Paulo-Rio. É evidente que esse Modernismo não o empolgou. A máxima figura intelectual de São Paulo da década 20 pareceu-lhe o historiador Paulo Prado. E não se conformou com duas atitudes de Modernistas paulistanos. Uma, não reconhecerem o que lhe parecia haver de revelador do Brasil na obra de tão valoroso historiador. Outra, desdenharem dos novos escritores nordestinos, que ouviu alguns desses Modernistas paulistanos classificarem como “cafajestes”. Eles é que, para Cendrars, estariam sendo os grandes reveladores das raízes brasileiras de uma cultura capaz de afirmar-se vigorosa e originalmente nacional. De onde a importância que atribuiu ao que chamou “nova maneira de escrever-se história”, que surpreendeu estar partindo do Recife: especificando livro de ensaísta-historiador. Isto é, nova maneira de escrever-se história, quer de modo geral, quer em relação ao Brasil, em particular: única história abrangente em que — destacou, primeiro que ninguém, esse arguto europeu — negro, escravo, povo, entraram como personagens significativos. Como, aliás, com relação ao negro, o *Moleque Ricardo* na literatura de ficção de José Lins do Rego.

Uma história, poderia ter acrescentado Cendrars — e na verdade foi o que me veio a dizer certa tarde, em Paris, onde me recebeu a *champagne*, transbordante de entusiasmo pelo Brasil, estando também presente o por ele muito admirado Cícero Dias: um Cícero Dias tão afim de José Lins do Rego — reescrita, reinterpretada, revelada em suas raízes ignoradas, não só por antropólogo ou sociólogo-historiador, mas pelo que, em José Lins do Rego, passava a ser também talvez influência dessa nova perspectiva de passado brasileiro, um tanto daquela sociologia — ou um tanto daquela história — encontrada por Karl Marx em Balzac. No romancista Balzac. Um Balzac que, pode-se dizer, ter tido no autor de *Bangüê* e de *Fogo Morto* seu mais próximo parente extraeuropeu em terras tropicalmente americanas. Nenhum dos romancistas desta parte do mundo, glorificado pelos acadêmicos suecos com o Nobel, que se apresente maior em es-

sencial de criatividade do tipo da de Balzac — um Balzac transeuropeu — que José Lins do Rego.